



COLÔMBIA

Direitista toma posse sob ameaça

Abelardo de la Espriella assume a presidência com foco no combate a remanescentes da guerrilha de esquerda e cartéis do narcotráfico. Forças Armadas reforçam a segurança para a cerimônia, na Universidade de Cali

» SILVIO QUEIROZ

O ministro da Defesa do governo de esquerda que está deixando o poder hoje, na Colômbia, alertou sobre possíveis “atos de terrorismo” em Cali, a cidade escolhida pelo presidente eleito, o ultradireitista Abelardo de la Espriella, para assumir o posto. A cerimônia está marcada para hoje, no auditório da universidade, sem a presença do atual mandatário, Gustavo Petro, primeiro político de esquerda a governar o país em dois séculos de vida independente e republicana, nem das bancadas de seu partido, o Pacto Histórico. Petro e o candidato derrotado, o senador Iván Cepeda, questionaram a lisura dos resultados e denunciaram interferência maciça dos Estados Unidos a favor do adversário, que classificam como “trumpista”.

Terceira cidade do país, a capital do departamento (estado) de Vale do Cauca é um dos focos da violência política que desafia o próximo governo, depois de ter levado ao fracasso a política de “paz total” implantada nos últimos quatro anos por Petro, ex-guerrilheiro e um dos artífices da desmobilização do Movimento 19 de Abril (M-19), no início dos anos 1990. Nos quatro anos de mandato, ele tentou, sem sucesso, estender o processo de paz aos remanescentes do Exército de Libertação Nacional (ELN) e a facções dissidentes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) que não aderiram ao acordo de paz fechado em 2018 com o presidente Juan Manuel Santos.

De la Espriella, 48 anos, venceu as eleições de junho com um discurso de linha-dura contra os grupos armados ilegais envolvidos no tráfico de cocaína, e prometeu bombardeá-los, com apoio dos Estados Unidos. Pedro Sánchez, ministro da Defesa do atual governo, afirmou que existe uma ameaça “latente” de atentados no dia da cerimônia, da qual participarão cerca de 10 chefes de Estado. O presidente Lula decidiu enviar para representá-lo o chanceler Mauro Vieira. São esperadas as presenças dos presidentes de Argentina, Paraguai, Chile e Equador — todos também

Luis Acosta/AFP



Blindado do Exército patrulha a estrada do aeroporto de Cali: remanescentes da guerrilha na mira do novo governo

de extrema-direita —, além do rei da Espanha, Felipe VI.

Linha de frente

As Forças Armadas mobilizaram 11 mil militares, e as autoridades proibiram o sobrevoo de drones em Cali e nos municípios vizinhos. Esses aparelhos vêm sendo utilizados pela guerrilha para lançar explosivos. A sede escolhida para a transmissão de poder é a principal cidade próxima às regiões montanhosas do sudoeste colombiano que cultivam a folha de coca, principal matéria-prima da cocaína. No vizinho departamento do Cauca, onde De la Espriella pensou inicialmente em promover a posse, em uma base militar, atua uma dissidência das Farc comandada por Iván Mordisco, considerado o guerrilheiro mais procurado da Colômbia.

O advogado, que não tinha experiência política anterior, assume o governo com a promessa de

Vanessa Romero/AFP



O novo presidente discute segurança pública em Barraquilla

implementar um plano de combate militar às guerrilhas, aos grupos paramilitares e a outras organizações do narcotráfico que, segundo especialistas, se fortaleceram durante as tentativas de Petro de negociar a paz.

Ainda em campanha para o

segundo turno, o novo presidente anunciou a decisão de romper relações com Cuba e Nicarágua, uma guinada pronunciada em relação à política de Petro — que, dias antes de deixar a Casa de Nariño, fez uma última visita oficial justamente a Havana. “Isso

mostra uma certa ideologização da política externa, como vimos com Javier Milei, na Argentina”, disse ao **Correio** o professor de relações internacionais Diego Vera, da Pontifícia Universidade Javeriana de Bogotá. “É uma orientação que busca sancionar países considerados não democráticos, sobretudo na região.”

O estudioso observa, no entanto, que “o mesmo critério não é observado, por exemplo, com respeito à China e à Arábia Saudita”. Em particular com relação a Cuba e Nicarágua, Vera enxerga “uma mensagem de romper com os circuitos de cooperação internacional e colaboração ideológica entre governos progressistas ou contrários à recente onda neoconservadora quem vem ganhando terreno na América Latina, com apoio do governo de Donald Trump”.

Em relação ao Brasil, o professor colombiano acredita que se

11 mil

Contingente militar mobilizado para garantir a segurança em Cali

» Diálogo na Venezuela

Passados sete meses da captura do presidente Nicolás Maduro, em operação militar dos Estados Unidos, foi aberta ontem, em Caracas, a mesa de negociações entre o governo da Venezuela e representantes da oposição. O diálogo, mediado por emissários de Washington, tem por meta traçar o caminho para uma transição política e a realização de eleições. A delegação governista é chefiada pelo presidente da Assembleia Nacional, Jorge Rodríguez, irmão da presidente interina, Delcy Rodríguez. Pela oposição, quem encabeça a equipe é a ex-deputada Dinorah Figueroa, que chegou ao país retornada do exílio especialmente para participar do processo. “Tem início o diálogo com ex-deputados da oposição”, escreveu Jorge Rodríguez no Telegram, em uma mensagem na qual publicou fotos das duas delegações reunidas na base militar de La Carlota. “Instalamos o processo que marcará o caminho para a democracia e a reinstitucionalização da Venezuela”, publicou Figueroa na rede social X.

mantenham as relações “como têm sido: cordiais, mas não estratégicas, e subordinadas à prioridade dada aos laços com os Estados Unidos”. Vera arrisca que De la Espriella possa manifestar “um apoio, ainda que moderado, para que Flávio Bolsonaro seja eleito para suceder Lula, como expressaram outros governos conservadores da região”. Mas duvida que o novo presidente colombiano “se expresse de maneira tão agressiva quanto Milei”.

ESTADOS UNIDOS

Trump volta a atacar cidadania por nascimento

A partir de agora, ficará mais difícil o chamado “turismo da **cidadania por nascimento**” — mulheres estrangeiras que viajam aos Estados Unidos para dar à luz, a fim de que seus filhos ganhem o status de cidadãos americanos. O presidente Donald Trump assinou, ontem, duas ordens executivas que buscam coibir a prática e expandir a definição dos casos que não se qualificam para a obtenção da cidadania.

“Operadores de turismo de parto utilizam anúncios enganosos e artifícios para atrair estrangeiros a viajar para os Estados Unidos com o objetivo de dar à luz em solo americano. Eles prometem cidadania, acesso a benefícios públicos e estadias de curta duração em instalações especializadas, hotéis ou imóveis alugados, mas frequentemente não cumprem essas promessas”, afirma o decreto

Direito constitucional

A 14ª Emenda Constitucional americana, aprovada para proteger o direito dos antigos escravizados à cidadania, explicita o direito de cidadania por nascimento em território americano, salvo em casos específicos. Há pouco mais de um mês, a Suprema Corte do país anulou um decreto que eliminava esse direito para os filhos de imigrantes em situação irregular.

intitulado *Colocando fim ao turismo por nascimento*. Ao firmar o documento, Trump qualificou esses operadores de “redes criminosas organizadas” e ressaltou que “dezenas de milhares de mulheres” vão aos EUA para o parto.

Jim Watson/AFP



“Este decreto adota uma série de medidas destinadas a combater esse tipo de prática organizada. Nós nos concentramos muito em negar vistos a pessoas que temos

motivos para acreditar que vêm com esse propósito. Vistos tanto para os pais que participam quanto para as pessoas que organizam essas redes”, explicou o republicano.

Presidente entrega ordens executivas assinadas para o vice-chefe de gabinete da Casa Branca, Stephen Miller (E)

A segunda ordem executiva, nomeada *Continuando a proteger o significado e o valor da cidadania americana*, estabelece que o “privilégio” da cidadania dos EUA permanece como uma “dádiva inestimável e profunda”. “Desde o meu primeiro dia no cargo, minha Administração tem se protegido contra os riscos representados por atores estrangeiros maliciosos que tentam fraudar cidadãos americanos, aproveitando-se da generosidade de nossa nação”, escreveu o titular da Casa Branca.

Além de alvejar o “turismo da cidadania por nascimento”, Trump baniu a concessão de cidadania a “estrangeiros inimigos” — integrantes de organizações terroristas —; a pais de funcionários de governos estrangeiros (embaixadores,

funcionários de representações diplomáticas, servidores de governos e de organizações internacionais); e a pais de pessoas que tiverem realizado transação comercial para adquirir ou obter acesso à cidadania por direito de nascimento; entre outros critérios.

Stephen Miller, vice-chefe de gabinete da Casa Branca, disse que o decreto presidencial negará a cidadania por nascimento a filhos de membros de “organizações terroristas estrangeiras”, bem como de “amplas categorias de pessoas que pressionam e atuam em nome de governos estrangeiros”. A medida “garante que um grande número de pessoas que estariam obtendo equivocadamente a cidadania por nascimento não sejam elegíveis para esses benefícios.”